



A GUERRA NO GOLFO PÉRSICO — LIÇÕES E CONSEQÜÊNCIAS PARA A FORÇA TERRESTRE (*)

Aricelso Maia Lima Verde,
Renaldo Quintas Magioli,
José Pedro de Souza Dias e
Aristóteles Teixeira da Costa

Resumo de relatório de trabalho em grupo realizado durante estágio do Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx) da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) em 1991.

Constitui mais um subsídio para os estudiosos da Guerra do Golfo Pérsico.

AMBIENTE OPERACIONAL

O Oriente Médio é, certamente, a mais complexa região do Globo. Abrange uma superfície de 22.088.815km² e abriga uma população superior a 350 milhões de habitantes, distribuídos em 19 Estados,

com sérios problemas de natureza política, étnica e religiosa.

Esse imenso espaço geográfico é caracterizado pela existência, em quase toda sua dimensão, de um solo arenoso — zonas desérticas — com poucos acidentes de vulto, onde as temperaturas, durante a maior parte do ano, são elevadas, atingindo 50°C à sombra e caindo, bruscamente, para próximo de

(*) Selecionado pelo PADECEME

0°C à noite. As precipitações são bastante irregulares, porém intensas na primavera, fazendo com que os rios temporários, os chamados *wadis*, se tornem caudalosos. No período da seca, as tempestades de areia são frequentes.

Com relação à hidrografia, além dos rios temporários, destacam-se, pela sua importância na região, os rios permanentes Nilo, Tigre e Eufrates, formando estes últimos, em sua confluência, o rio Shatt-Al-Arab.

No que diz respeito ao Kuwait, em cujo território desenvolveram-se quase todas as operações terrestres da Guerra do Golfo, cabe ressaltar sua localização — NE da Península Arábica, limitando com o Iraque a N e W, com o Golfo Pérsico a E e com a Arábia Saudita ao S — e o fato de ser o país um grande deserto. Seu relevo é bastante plano, com alturas máximas de 300m. Não possui rios permanentes. O clima é quente e seco e a temperatura, como em quase todo Oriente Médio, chega aos 50°C no verão. São frequentes as tempestades de areia provocadas pelo vento *shamal*, de NO.

Esse ambiente operacional, pelas suas peculiaridades, exerceu forte influência na condução das operações, considerando-se os efeitos sobre o pessoal e o material empregados e a necessidade da adoção de medidas que viabilizassem um eficiente apoio logístico e uma adequada estrutura de comando por parte das tropas ocidentais.

A GUERRA NO GOLFO

A primeira tentativa de anexação do Kuwait ao Iraque ocorreu em 1961, quando aquele país deixou de ser protetorado britânico.

Na recente invasão, os motivos alegados pelo governo iraquiano — pretenso roubo de petróleo efetuado pelo Kuwait; inundação do mercado internacional, juntamente com os Emirados Árabes e a Arábia Saudita, do óleo produzido, baixando seguidamente a cotação do produto — escondiam, na realidade, o objetivo nacional do Iraque de livre acesso às águas do Golfo Pérsico e, por conseguinte, ao Oceano Índico, e o fato de o Kuwait ter sido parte de seu território.

A partir do momento da invasão, as negociações diplomáticas, as resoluções da ONU e as sanções econômicas impostas ao governo iraquiano não foram suficientes para demover o presidente Saddam Hussein de seu intento, restando, em consequência, as ações no campo militar.

A guerra teve início em 17 de janeiro de 1991, quando uma força de coalizão, constituída de vinte e oito países, sob a coordenação dos Estados Unidos, desencadeou o ataque às forças iraquianas instaladas no Kuwait.

A atuação da força aérea aliada e da artilharia de longo alcance, precedida da saturação do espectro eletromagnético inimigo (guerra eletrônica), além de propiciarem um alto poder de destruição, face à objetividade e à precisão dos mísseis, deixaram o Iraque “cego, surdo e mudo”, impossibilitando-lhe qualquer reação ordenada.

Quando da realização da ofensiva aliada por terra, em 24 de fevereiro, ou seja, trinta e oito dias após o ataque aéreo, as forças iraquianas já estavam, praticamente, derrotadas pela destruição de seu sistema logístico e do moral dos combatentes.

Os resultados obtidos pelas forças de coalizão no desenrolar das operações expressam a adequada aplicação de táticas e técnicas que permitiram o completo domínio das forças iraquianas, configurados, principalmente, na adaptação do combatente ao ambiente operacional, no eficiente apoio logístico, na utilização maciça dos meios aéreos e no emprego eficaz da força aérea no apoio aerotático, de materiais bélicos e eletrônicos de alta tecnologia, de forças combinadas, de comando e forças especiais por trás das linhas inimigas.

APRECIÇÕES SOBRE A GUERRA

O forte contraste nas estratégias e doutrinas operacionais, empregadas pelos contendores, foi marcante na Guerra do Golfo, deixando ensinamentos significativos para os combatentes modernos.

A doutrina seguida pelas forças aliadas foi a preconizada pelos EUA como *Air-Land-Battle*, dentro do princípio de emprego de forças combinadas, atuando de forma integrada sob um comando central do TO. Do lado do Iraque, suas Forças Armadas eram treinadas segundo a doutrina soviética.

Tais fatos facilitaram a coordenação da força de coalizão, uma vez que as forças européias que a integravam, participantes da OTAN, já estavam familiarizadas com a doutrina norte-americana, absorvida nos adestramentos e manobras realizadas pelas forças armadas dos países membros, e possuíam plenos conhecimentos do armamento e da doutrina de combate soviéticos.

Outro aspecto a assinalar é que, desde o início do conflito, foi estabelecido um comando do teatro de operações e um centro de operações combinado para as forças aliadas, proporcionando um eficiente sistema de comando e controle. Por outro lado, a definição precisa e a integração dos diversos níveis de comando permitiram uma adequada coordenação das operações, compatibilizando a condução dos planejamentos e das ações de combate no TO, com as decisões político-estratégicas de Washington.

As forças iraquianas dispunham de meios e de experiência de combate recente (Guerra Irã-Iraque) que lhes permitiram o estabelecimento de um sistema de comando e controle eficaz. Porém, as infiltrações de comandos e forças especiais aliados quebraram o elo de comando entre Bagdá e a frente do TO, deixando isolados e sem coordenação os grandes comandos e as unidades iraquianas. Por sua vez, a centralização excessiva, até mesmo no campo tático, exercida pelo presidente do Iraque, a incapacidade de chefes militares em administrar uma guerra moderna, a rápida neutralização de seus sistemas de comunicações e

A GUERRA NO GOLFO PÉRSICO — LIÇÕES E CONSEQUÊNCIAS PARA A FORÇA TERRESTRE

defesa aérea, concorreram para a ineficiência das ações de comando e controle de suas forças.

No que se refere às comunicações os sistemas utilizados pelas forças aliadas eram predominantemente norte-americanos, de última geração e interligados por satélites, compatíveis com os equipamentos de dotação das tropas européias e sauditas. Embora os equipamentos egípcios e sírios fossem, em sua maioria, de origem soviética, não prejudicaram as ligações de comando, pois atuaram em áreas específicas do combate. No decorrer das operações, o suprimento, a manutenção, a reposição e a substituição do material de comunicações não sofreram interrupções na cadeia logística.

Sem uma produção nacional, os sistemas de comunicações iraquianas utilizavam equipamentos de diversas origens (soviéticos, norte-americanos, chineses, tchecos, egípcios), prejudicando a instrução da tropa, dificultando a integração das redes e impondo, ainda em tempo de paz, seríssimos problemas de manutenção, agravados com o bloqueio internacional aprovado pela ONU.

O levantamento de informações oportunas sobre o inimigo foi conduzido, em todos os níveis das forças aliadas, através da busca e do processamento de informes, atuando de maneira ampla e ininterrupta desde o início da "crise do golfo".

Tanto as informações de caráter estratégico como as de interesse direto das forças em campanha fluíam através de órgãos de inteligência, após o

processamento dos dados obtidos das mais variadas fontes.

Na busca de informes, particularmente sobre o TO, foram utilizados satélites espíões, posicionados geoestrategicamente, e aeronaves tripuladas ou de controle remoto dotadas de câmeras de TV ou sensores térmicos ou eletromagnéticos.

Um fator de grande importância na condução das operações pelas forças aliadas constituiu-se na utilização dos mais modernos meios de que dispunham para a aplicação da arte da guerra. As condições econômicas e os conhecimentos científicos alcançados pelos norte-americanos e europeus conferiram-lhes a capacidade de atingir um alto nível tecnológico que, durante toda a campanha, foi largamente aplicado às ações de combate. A concepção e a montagem de uma poderosa máquina de guerra assegurou aos aliados um mínimo de baixas e proporcionou-lhes a rapidez e a precisão para, em cinco semanas, neutralizarem o poder militar do Iraque e, em apenas 100 horas de operações terrestres, derrotarem suas tropas no campo de batalha.

Nas operações aéreas, empregaram caças e caças-bombardeiros armados com mísseis ar-ar e ar-terra dotados de "cabeças inteligentes" que os guiavam para os respectivos alvos, valendo-se de sensores térmicos ou de iluminação por feixe "laser", permitindo grande precisão, com acentuada redução de danos colaterais. Para desativar os sistemas de defesa aérea inimigos, seus radares, quando plotados por sensores de aeronaves ou sa-

télices de busca de radiações, eram eliminados por mísseis anti-irradiação ou neutralizados por ondas eletromagnéticas emitidas por aeronaves de contamedidas eletrônicas, sempre presentes no TO.

Nas operações terrestres, todas as unidades em campanha dispunham de equipamentos de defesa contra agentes químicos e biológicos e de dispositivos de visão noturna. Equipamentos de orientação por satélites estacionários contribuíram para a precisão dos tiros de artilharia e para o levantamento correto dos itinerários nos deslocamentos no deserto e nas arriscadas incursões em território inimigo. Na destruição de carros de combate (CC) e demais blindados inimigos foram largamente utilizadas viaturas sobre rodas com mísseis anti-carro (AC) guiados por cabo. A artilharia de campanha valeu-se de modernas peças auto-rebocadas (AR), com alcance de até 30km, e da artilharia autopropulsada (AP), com viaturas de alta mobilidade e tubos com alcances de 18km, além de lançadores múltiplos de foguetes. Por fim, helicópteros valiam-se, com grande precisão, de mísseis disparados a baixa altura e guiados por feixe de "laser" dirigido por outro helicóptero de escolta ou por observador no solo.

O investimento econômico na contratação da assistência de estrangeiros a engenheiros e técnicos iraquianos possibilitou, ao Iraque, um desenvolvimento tecnológico voltado para uma indústria bélica orientada para a fabricação de artefatos nucleares. Conseguiu ampliar a capacidade balística de

mísseis, como o SCUD soviético, desenvolver ogivas químicas e compatibilizar sistemas de vários equipamentos adquiridos no mercado internacional.

Nas operações aéreas, a força aérea iraquiana, embora dispusesse de um elevado número de aeronaves, praticamente não participou da guerra. Muitos aeródromos e aviões foram destruídos por bombardeiros, algumas aeronaves sobreviveram em abrigos, porém a maioria que conseguiu decolar fugiu para o Irã, sendo poucas as abatidas em vôo. A defesa antiaérea era moderna e dispunha de uma grande quantidade de peças de tubo e de mísseis, mas tornou-se ineficaz, ante a imediata neutralização dos centros de comunicações e dos sistemas de alerta, direção e controle de tiro.

Nas operações terrestres, empregaram carros de combate de última geração adquiridos na URSS, como os T-72, além de outros de origem britânica, chinesa e, também, soviética. Sua artilharia era moderna e em grande parte AP, com calibres de até 155mm e alcances máximos, variando de 15 a 30km. Suas mais notáveis peças eram soviéticas, francesas e sul-africanas. Nas posições defensivas, introduziram, em seus planos de barreiras, minas inertes, de modo a iludir os sensores fotográficos das aeronaves e satélites, sonegando informações importantes à definição dos dispositivos de ataque das forças aliadas.

No campo da logística, as forças aliadas acumulavam experiências de guerras passadas e pertenciam, em sua maioria, a países detentores de altas tecnologias e possuidores de parques

industriais tradicionalmente ligados à produção de material bélico. Assim, as operações aéreas e terrestres somente foram desencadeadas após o comando do TO ter alocado todos os meios necessários à continuidade do apoio logístico às ações de combate.

Por sua vez, as forças iraquianas tinham quase total dependência externa de fornecedores e especialistas, para obterem os suprimentos e assegurarem o apoio de manutenção a seus equipamentos mais modernos. O quadro tornou-se mais crítico com o embargo internacional aprovado pela ONU e em virtude dos danos causados às vias de transporte e às redes de comunicações nas primeiras semanas do conflito, interrompendo, praticamente, o fluxo do apoio logístico às unidades em primeiro escalão.

Antes mesmo do início da guerra, o domínio do espaço eletromagnético constituiu-se em fator preponderante para as forças aliadas. A captação e a decodificação das emissões eletromagnéticas iraquianas possibilitaram levantar, com precisão, a ordem de batalha inimiga e manter, durante as operações de combate, o total controle de seus meios eletrônicos. As medidas de guerra eletrônica implementadas pelas forças aliadas foram, também, facilitadas pelo fato de que a maioria dos sistemas utilizados pelo Iraque era composta por equipamentos soviéticos, cujas características técnicas já eram conhecidas pelas forças da OTAN.

O planejamento e o emprego adequado de operações psicológicas pelas forças aliadas permitiram um rigoroso controle sobre a mídia internacional,

conduzindo a opinião pública mundial para um desejável nível de apoio às intervenções militares. Para os EUA era de fundamental importância que os erros cometidos durante a guerra do Vietnã não mais se repetissem. As operações psicológicas levadas a termo diretamente sobre as posições de defesa inimigas resultaram em defecções em massa e em valiosas informações, como a localização exata de diversas passagens nos campos de minas, proporcionando às forças aliadas a rapidez e o reduzido número de baixas registrado nas operações terrestres.

O emprego de equipes de comandos e forças especiais pelo comando central das forças aliadas no Golfo destacou-se pelo oportuno e eficaz apoio prestado às diversas fases da Operação *Desert Storm*, garantindo o sucesso nos momentos mais críticos da ofensiva aliada.

Dos 500.000 militares que atuaram no teatro de operações, apenas 9.400 integravam tropas de operações especiais, dispondo de habilitações e equipamentos próprios.

LIÇÕES PARA A FORÇA TERRESTRE

As considerações a seguir traduzem o que de mais importante podemos destacar como lições da Guerra do Golfo para a Força Terrestre:

- necessidade de uma doutrina que envolva o emprego de forças combinadas, bem como a imprescindível interação com a força aérea, tanto nas ações estratégicas quanto nas táticas;

- adequação dos meios, das táticas e das técnicas à doutrina adotada pela Força;

- compatibilização entre as doutrinas utilizadas pelos países aliados, no caso de uma eventual aliança militar;

- conhecimento pleno da doutrina, das táticas, e do material de dotação das forças inimigas consideradas nas hipóteses de guerra (ou de conflito);

- pleno conhecimento da missão atribuída ao escalão superior (intenção do comandante) por todos os níveis de comando, de modo que, mesmo sob condições adversas, sejam atingidos os objetivos previstos;

- influência do ambiente operacional sobre o pessoal e material empregados no TO, exigindo uma adequada preparação das forças combatentes.

- preservação da unidade de comando, com ou sem estado-maior combinado, com vistas ao planejamento, à coordenação e ao controle das operações;

- compatibilização das ações operacionais no teatro de operações com as decisões político-estratégicas adotadas pelo governo;

- necessidade de obtenção da superioridade aérea nas fases mais críticas da operação, como forma de viabilizar o emprego de unidades da força terrestre em determinado setor do teatro de operações;

- neutralização da capacidade de comando e controle das forças inimigas, como forma de proporcionar as melhores condições para o emprego do poder aéreo militar;

- fundamental importância do sis-

tema C³I na condução de operações de combate;

- produção de material bélico com a mais moderna tecnologia disponível.

- grande importância das informações para o planejamento e condução das operações;

- necessidade de toda a tropa estar instruída e dotada de equipamentos de proteção contra agentes químicos e biológicos e de dispositivos de visão noturna;

- utilização de modernos tipos de propelentes e de equipamentos de orientação e navegação por satélite, proporcionando maior alcance e precisão para a artilharia de campanha, bem como, no caso dos equipamentos, segurança e rapidez nos deslocamentos das unidades e nas infiltrações de pequenas frações blindadas, particularmente dos carros de combate pesados, em face da atuação de helicópteros e aviões de ataques ao solo armados com mísseis e bombas anticarro;

- surgimento de novas técnicas de abertura de brechas em campos minados, através do emprego de bombas de amplo e forte poder de onda de choque e de cargas lineares lançadas por foguetes, complementadas por viaturas especializadas da engenharia de combate;

- simulação de alvos compensadores (aeronaves, carros de combate, peças de artilharia, plataformas de lançamento, instalações diversas etc.) conduzida pelo Iraque, assim como a utilização de minas inertes em passagens táticas da posição defensiva demonstraram ser de grande valia na defesa passiva;

A GUERRA NO GOLFO PÉRSICO — LIÇÕES E CONSEQÜÊNCIAS PARA A FORÇA TERRESTRE

- definição do início dos combates somente após a logística dispor de todos os meios necessários ao suporte das operações. Manter a presteza e continuidade do fluxo de suprimentos e o apoio de saúde durante todas as fases da guerra;

- necessidade do domínio do espaço eletromagnético na condução de guerras modernas, empregando-se equipamentos adequados e pessoal altamente adestrado para a condução da guerra eletrônica com a eficácia desejada;

- operação psicológica, já integrada na estrutura militar e conduzida de modo eficiente por pessoal altamente especializado, atuando sobre a mídia (ação psicológica) e, operacionalmente, sobre o inimigo (guerra psicológica);

- coordenação e emprego adequado de frações de unidades devidamente organizadas e especializadas em operações especiais, proporcionando um eficiente suporte às operações convencionais de combate.

CONSEQÜÊNCIAS PARA A FORÇA TERRESTRE

Dos principais aspectos e lições da Guerra do Golfo, podemos destacar, como conseqüências para a Força Terrestre:

- coordenação, pelo EMFA, dos trabalhos que visem ao emprego das forças singulares sob unidade de comando em operações combinadas, compatibilizando e, sempre que possível, padronizando doutrinas, arma-

mentos, material de comunicações, terminologias etc;

- intensificação do conhecimento sobre doutrina, táticas e do material de dotação das forças armadas de nações amigas, particularmente daquelas consideradas nas hipóteses de guerra (conflito);

- manutenção e adestramento, sob doutrinas e táticas específicas, de unidades previamente destinadas ao emprego em diferentes ambientes operacionais;

- reaparelhamento e modernização efetiva do exército, de forma a proporcionar-lhe o poder de combate indispensável à condução das operações terrestres;

- emprego do sistema C³I com prática permanente nas instruções e adestramento da tropa nos diversos escalões de comando;

- busca da auto-suficiência científica e tecnológica na produção de sistemas de orientação, de direção e controle de tiro; de todo material bélico, bem como a pesquisa e desenvolvimento de propelentes que assegurem a fabricação e o contínuo suprimento de munições de alta qualidade;

- criação de unidades de informações, de operações psicológicas e de guerra eletrônica com pessoal altamente especializado;

- seleção, para incorporação, de pessoal com melhor nível de escolaridade, em virtude da sofisticação do material e das características atuais e tendências futuras das operações militares;

- necessidade de adequada preparação das tropas para serem emprega-

das em operações noturnas e em ambientes de possível utilização de armas químicas e biológicas;

- manutenção da atual política de implantação da aviação do exército, evitando-se retrocessos, em face dos óbices que possam surgir;

- neutralização, a curto prazo, das atuais vulnerabilidades relacionadas com o apoio logístico, a engenharia de combate, as comunicações e a artilharia, particularmente no que concerne aos meios autopropulsados e antiaéreos;

- possibilidade de ampliação dos atuais efetivos das nossas tropas de forças especiais e ações de comandos, face à comprovada capacidade de emprego de equipes de comandos e forças especiais em missões de infiltração no território inimigo para a realização de tarefas específicas, de caráter estratégico ou tático.

No caso da nossa força terrestre, além da necessidade de o Brasil atingir uma estatura político-estratégica compatível à sua importância no contexto das nações, há a necessidade de, de uma maneira dinâmica e ordenada, introduzir-se o conceito de modernidade, buscando-se a eficácia, onde procurar-se-á, até mesmo, uma descentralização em todos os níveis, valorizando-se a iniciativa, de modo que sejam produzidos reflexos positivos também no campo operacional.

Observa-se ainda que, nos dias de hoje, a dependência tecnológica é fator impeditivo para a existência de um poder militar dissuasório, conforme ficou constatado na Guerra do Golfo, onde o Iraque, dependente de tecnolo-

gia alienígena, não tinha condições de repor itens de suprimentos e não possuía armas tão sofisticadas quanto as das tropas norte-americanas e suas aliadas.

Após a constatação da importância do desenvolvimento nacional, da necessidade da existência de um poder militar dissuasório e da independência tecnológica, concluiu-se sobre o fato de ser imprescindível que o Brasil possua uma indústria bélica em condições de proporcionar o reaparelhamento de nossas forças armadas, onde as indústrias naval e aérea merecem uma atenção especial, em face do nosso extenso litoral, das rotas marítimas de comércio exterior e, especialmente, pela evidência da importância da força aérea (estratégica e tática) nas guerras atuais. Tudo isso passará, antes de tudo, por uma imperiosa reestruturação do ensino do país, uma vez que a ciência é a base para o desenvolvimento.

CONCLUSÃO

A Guerra do Golfo Pérsico, conforme foi publicado pela imprensa, constitui-se em um marco de reflexão, assim chamada, “nova ordem mundial”, sob a égide dos Estados Unidos da América, verdadeiramente o grande, e único, vencedor daquela guerra, conforme consta no prólogo do livro *Después de la Tormenta — Las Claves de la Posguerra*.

Os ensinamentos da Guerra do Golfo são variados e numerosos, assim como as consequências que devem ser avaliadas em todos os campos do poder nacional, embora, no presente trabalho, nos tenhamos limitado, particularmente, àquelas que mais diretamente interessam à força terrestre brasileira, ou seja, as relacionadas às áreas militar, tecnológica e, mais superficialmente, à econômica.

Assim, da importância do ambiente operacional — pelas influências que exerce no combatente e no material, principalmente nos mais sensíveis à temperatura, poeira, umidade etc. — ao emprego das forças armadas, passando pela tecnologia e, também, pelos aspectos doutrinários, onde o apoio logístico se constitui em um exemplo de eficiência e profissionalismo, a Guerra do Golfo Pérsico permitiu que se extraíssem várias lições e se identificassem algumas consequências para nossa força terrestre.

Uma conclusão óbvia é que, no mundo atual, particularmente pelo que ficou demonstrado na Guerra do Golfo, um país não poderá se considerar em condições de ser respeitado em seus

interesses nas relações internacionais se não tiver atingido um determinado grau de desenvolvimento, desenvolvendo esse que possibilite a existência de um poder militar capaz de se opor, eficientemente, a uma agressão, ou dissuadir um outro país para que não leve a efeito uma agressão pelos altos custos que essa ação envolveria.

O incentivo e o apoio ao estudo, pelo governo e pela sociedade em geral, numa nova mentalidade nacional, possibilitará a formação dos recursos humanos e o surgimento de eficientes institutos de pesquisa. Essas providências, no contexto do desenvolvimento nacional, proporcionarão as condições necessária à manutenção de um poder militar compatível com as dimensões territorial e populacional do Brasil e à estatura política-estratégica do país, particularmente se não nos esquecermos de que uma guerra nos dias de hoje é, fundamentalmente, decorrente do conhecimento científico (um duelo tecnológico), uma demonstração de poderio militar — apoiado em uma sólida economia — e, sobretudo, a vontade de uma nação.





Cel Inf QEMA ARICELSO MAIA LIMA VERDE — é da Turma de 1962 da AMAN e possui os Cursos da EsAO, ECEME, CPEAEx (1991) e Administração de Empresa (civil). Exerceu as funções de Instrutor do CMRJ (1976/1978). Comandou o 30º BI Mtz. Atualmente, serve na Secretaria de Ciência e Tecnologia. Possui as seguintes condecorações: Medalha Militar de Ouro, Medalha do Pacificador e Ordem do Mérito Judiciário Militar.



Cel Inf QEMA RENALDO QUINTAS MAGIOLI — é da Turma de 1963 da AMAN e possui os Cursos de Guerra Química da EsIE, EsAO, ECEME e CPEAEx (1991). Exerceu as funções de Instrutor da AMAN nos períodos 1976/1978 e 1985/1986. Comandou o 38º BI. Atualmente, serve no Departamento Geral do Pessoal. Possui as seguintes condecorações: Medalha Militar de Prata, Medalha da Força Interamericana de Paz, Medalha do Mérito Tamandaré, Medalha do Pacificador e Ordem do Mérito Militar no Grau de Cavaleiro.

Cel Inf QEMA JOSÉ PEDRO DE SOUZA DIAS — é da Turma de 1964 da AMAN e possui os Cursos Básicos Pára-quedista, Mestre de Saltos, Precursor Pára-quedista, Comandos, EsAO, ECEME e CPEAEx (1991). Realizou Estágio no 7º Grupo de Forças Especiais em Fort Bragg (EUA — 1973). Exerceu as funções de Instrutor da AMAN (1986/1988). Comandou o 26º BI Pqdt. Atualmente, serve no Comando Militar do Sudeste. Possui as seguintes condecorações: Medalha Militar de Prata, Medalha do Mérito Santos Dumont, medalha da Inconfidência.



TC Com QEMA ARISTÓTELES TEIXEIRA DA COSTA — da Turma de 1968 da AMAN, possui os Cursos da EsAO, ECEME e CPEAEx (1991). Exerceu as funções de Instrutor da Escola de Comunicações nos períodos de 1972/1977 e 1987/1989. Comandou o 1º BCom Div. Atualmente encontra-se adido à ECEME. Possui as seguintes condecorações: Medalha Militar de Prata e Medalha do Pacificador.